

GAGOSIAN
VOGUE



82 ARTES

Azulejo (Hand and Curves), 2016, para ver na Gagosian Gallery, em Roma, até 14 de janeiro.

Trans ATLÂNTICA

Prepara uma exposição com Paula Rego para 2017, assina a capa do último álbum de António Zambujo, e espera a conclusão de uma casa em Lisboa. Conversa com Adriana Varejão, a carioca que um dia acordou e “virou artista”. Por Ana Murchio.

“A

cho que a arte traz a possibilidade de um campo de experimentação enorme. Há coisas que você não pode fazer na realidade e que pode fazer no campo da arte e da ficção. Penso que é essa liberdade que a arte tem que me faz criar.” Não estava nos planos de Adriana Varejão (Rio de Janeiro, 1964) ser artista e fazer coisas numa realidade (quase) paralela. A profissão veio-lhe

por acaso, quando estudava Engenharia. “Vi um filme do Vincente Minnelli chamado *The Sandpiper*, em que a Elizabeth Taylor fazia de artista, e fiquei fascinada. No dia seguinte resolvi fazer um curso de arte. [...] A minha percepção da vida mudou de forma radical.”

Filha de um piloto de aeronáutica e de uma nutricionista, Adriana gosta de contar novas versões da História, num compromisso com o passado pouco comum a uma geração habituada a desafiar o futuro. “Julgo que entendemos o passado como uma coisa fechada, que acabou e pronto. Estamos sempre a pensar no presente e no futuro, mas através do passado também se constroem identidades, não é? [...] Eu procuro,

através do passado, produzir novas versões da História, porque geralmente temos sempre a versão dos vencedores.” Não está zangada com o passado, sublinha: “Porque ele ainda está a ser fabricado. Eu só fico zangada com a adoção de uma única versão dele.”

Eis uma artista que é a personificação do ideal de *work in progress*. O seu trabalho com azulejos (“Um emblema da miscigenação”)

é tão apreciado como as suas ilustrações ou as suas pinturas. “O meu filtro e denominador é a pintura. Acho que todas as outras coisas são produções paralelas. Mas o principal é a pintura. O carro-chefe do meu trabalho é a pintura”, explica. Adriana realizou a sua primeira exposição individual em 1988, altura em que participou numa mostra coletiva do Stedelijk Museum, em Amsterdão, e hoje em dia a sua obra faz parte das coleções permanentes de instituições como a Tate Modern ou o Guggenheim Museum. Até 14 de janeiro expõe na Gagosian Gallery, em Roma, e neste novo ano prepara um encontro com um dos nomes maiores da pintura portuguesa. “A minha próxima exposição é um dueto meu e da Paula Rego. Fui visitá-la a Londres e estou perdidamente apaixonada por ela e pela obra dela.” Portugal é presença regular na sua obra, amor antigo. “Além do azulejo, do barroco, das navegações, sou completamente apaixonada pelo Bordalo e pela cerâmica das Caldas da Rainha, sou apaixonada por aquele universo. Também adoro fado, do último CD do António Zambujo (*Até Pensei Que Fosse Minha*), muito amigo meu, fui eu que fiz a capa. E gosto da Carminho, é muito amiga minha, e por aí vai... E adoro Aires Mateus, Manuel, é o arquiteto que está a fazer o meu apartamento em Lisboa. Eu amo Lisboa.”

Adriana, a canibalista cultural. Adriana, a visceral, a barroca. Como é que uma pessoa é barroca? “Identifico-me muito com o barroco porque ele traz uma teatralidade para a arte. O barroco é um jogo dentro de um teatro, dentro da representação, e também fala muito sobre o corpo, o emblema do barroco é o sagrado coração sangrante, e esse teatro barroco interessa-me, porque eu vejo a arte como um teatro.” O coração sangrante do barroco é o mesmo que se separa da obra feita. “Existe uma certa harmonia quando a obra termina. Quando chego ao ateliê tento não reparar nos quadros, e quando finalmente olho, vejo se há algum ponto que me incomoda. É muito subjetivo. [...] Há momentos em que destruo a obra. Sou vencida pela obra. Os quadros têm personalidade. Há quadros que me vencem, não posso mais com eles. Então destruo-os.” ●